

**UNEMAT Editora**

Editor: Agnaldo Rodrigues da Silva

Revisão: Equipe Unemat Editora

Diagramação: Ricelli Justino dos Reis

INFORMAÇÕES SOBRE OS ANAIS:

*Copyright*@2011 - Unemat Editora

Conselho Científico: Agnaldo Rodrigues da Silva (Presidente)  
Elisabeth Battista  
Olga Maria Castrillon-Mendes  
Vera Lúcia da Rocha Maquêa  
Walnice de Matos Vilalva

**CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO**

SILVA, Agnaldo Rodrigues (Organizador).  
ANAIS COLÓQUIO INTERNACIONAL DE LITERATURA  
COMPARADA. Volume 1, n. 1, 2011. Cáceres: UNEMAT Editora, 2011.

ISSN :



Unemat Editora  
Avenida Tancredo Neves nº 1095 - Cavalhada  
Cáceres-MT-Brasil- 78200-000  
Fone/fax: (0xx65) 3221-0077  
E-mail: [editora@unemat.br](mailto:editora@unemat.br)



## Rios e memórias diversas em *O berro do Cordeiro em Nova York* de Tereza Albues e em *Percursos de Wanda Ramos*

Leonice Rodrigues Pereira  
UNEMAT/NEL/CEPLIT

**Resumo:** Pretende-se através deste trabalho realizar a leitura das obras *Percursos (Do Luachimo ao Luena)* (1980), de autoria da escritora Wanda Ramos (1948 – 1998) uma portuguesa, e de *O Berro do Cordeiro em Nova York* (1995), escrita pela mato-grossense Tereza Albues (1936 – 2004), analisando a constituição identitária das protagonistas que rememoram suas experiências de vida, ocorridas especialmente em dois espaços da narrativa, demarcados pela presença significativa de dois rios. Tanto na primeira quanto na segunda obra, rios diferentes demarcam as ações da infância e as ações da vida adulta das personagens principais.

**Palavras chave:** Rios, Memórias, Identidades, Wanda Ramos, Tereza Albues.

**Abstract:** It is intended to carry out this work through reading the works *Percursos (Do Luachimo ao Luena)* (1980), authored by writer Wanda Ramos (1948 - 1998) a Portuguese, and *O Berro do Cordeiro em Nova York*, (1995) written by Tereza Albues (1936-2004), born in Mato Grosso – Brazil, analyzing the identity constitution of the protagonists who recall their experiences of life, occurring especially in two areas of the narrative, marked by the presence of two significant rivers. Both the first and the second work, different rivers demarcate the actions of childhood and adult life actions of the main characters.

**Keywords:** Rivers, memory, identity, Wanda Ramos, Tereza Albues.

Este texto tem como objetivo apresentar uma leitura da constituição identitária das protagonistas dos romances *Percursos (Do Luachimo ao Luena)*,<sup>1</sup> publicada pela portuguesa Wanda Ramos, e de *O Berro do Cordeiro em Nova York*,<sup>2</sup> de autoria da mato-grossense Tereza Albues, que rememoram suas experiências de vida ocorridas especialmente em dois espaços da narrativa, demarcados pela presença expressiva de dois rios.

Em *Percursos*, observa-se que um narrador em terceira pessoa media a voz da protagonista que aparece discretamente através



do discurso indireto livre. A narrativa de *O berro*, cujo discurso se apresenta em primeira pessoa – reforçando seu teor autobiográfico – trata das experiências de vida da protagonista-narradora, especialmente da sua infância em Mato Grosso, espaço que aparece, a partir do fluxo da consciência, mesclado, na maioria das vezes, ao espaço nova-iorquino da fase adulta da personagem. O desempenho da memória explícito na narrativa, por meio do modo em que a narradora trata dos acontecimentos, possibilita que passado e presente se juntem, se justaponham ou atuem em concomitância. E é graças à capacidade de rememoração que os espaços distantes e de experiências distintas se encontram ou se sobrepõem. E, assim, águas geograficamente distantes e impossíveis de se juntarem, se misturam através do processo mnemônico.

Em *Percursos*, as ações da infância da personagem concentram-se no espaço definido pela presença do rio Luachimo e as experiências da personagem quando adulta estão situadas no espaço contemplado com a presença do rio Luena: “rios de Angola meu outro espaço” (P, p.49)<sup>3</sup>. É assim que o narrador em terceira pessoa, norteado pela memória da protagonista, dá relevância ao espaço colonizado em detrimento do espaço colonizador, considerando que o período da vida da personagem contemplado no romance abrange suas vivências em Angola e em Portugal, cidade de Lisboa, onde acontece sua formação acadêmica.

Constata-se ainda que o período constituído pelo tempo dos acontecimentos vivenciados pela personagem da obra portuguesa compreende, aproximadamente, as décadas de quarenta, cinquenta e sessenta do século vinte. Já a narrativa de *O berro* trata das experiências de vida da protagonista-narradora, especialmente da sua infância, ocorrida aproximadamente nas décadas de quarenta e cinquenta, em Mato Grosso. São espaço e tempo que aparecem, a partir do fluxo da consciência, mesclados, na maioria das vezes, ao espaço e tempo nova-iorquinos da fase adulta da narradora-personagem e momento da narração que se dá no início da década de noventa.

No âmbito das relações de poder, a existência de dois países de relevância na constituição identitária da personagem nessa narrativa de Wanda Ramos – Portugal, (país colonizador) e Angola (nação africana



colonizada) – se assemelha a questão do espaço da narrativa mato-grossense, em que também são dois países – Estados Unidos (“império colonizador”) e Brasil (como “colonizado”) – de natureza política, cultural, social e econômica bastante adversas a situarem as principais ações constitutivas das identidades da protagonista. Em *Percursos*, os dois rios demarcam os dois tempos e os dois espaços da narrativa onde estão situadas as ações da personagem transcorridas apenas em Angola, já que o texto de Wanda Ramos se limita apenas, como se observou anteriormente, a abordar suas experiências vivenciadas em África, deixando apenas subentendidos ou citados rapidamente no texto os fatos ocorridos em Portugal. Assim, dois rios também delimitam significativamente os espaços e os tempos contemplados pela narrativa de *O berro*: o riacho do Cordeiro, ligado às experiências fundamentais da personagem quando menina, a representar Mato Grosso (Brasil) e o rio Hudson, onde estão situadas as principais ações da sua vida adulta e momento da narração, que refere-se à Nova York (Estados Unidos). Se em *Percursos* os rios das experiências da personagem situam apenas em um país, Angola, em *O Berro*, cada um dos dois rios corresponde a cada país constitutivo dos espaços essenciais da narrativa.

Wanda Ramos, filha de pais portugueses colonizadores, nascida e criada em Angola, semelhante à personagem de *Percursos*, aos dez anos de idade desloca para Portugal onde realiza seus estudos acadêmicos. Jovem, licenciou-se em Filologia Germânica pela Faculdade de Letras de Lisboa e tornou-se poetisa, tradutora e ficcionista. Estreou na literatura em 1970, com o livro de poemas *Nas coxas do tempo*<sup>4</sup>.

Tereza Albuês nasceu em Várzea Grande, em 1936, e passou grande parte da infância em Nossa Senhora do Livramento, cidade vizinha da capital mato-grossense. Há informações de que aos sete anos de idade já dava seus primeiros passos rumo à carreira de escritora, pois já produzira, naquele tempo, alguns “versos que foram jogados fora, sem deixar nenhuma lembrança daquela época inesquecível” (BARBOSA, 1995). Morou nos Estados Unidos de 1980 até 2005, ano de seu falecimento. É interessante ressaltar que tanto uma obra quanto a outra apresentam traços autobiográficos, mas não pertencem ao gênero autobiográfico ou ao gênero memória.



Mesmo vivendo seus últimos 25 anos nos Estados Unidos e se adaptando ao modo de vida nova-iorquina, a escritora produziu suas obras todas em português e publicou-as em editoras brasileira <sup>5</sup>. Tereza Albues permaneceu em solo estrangeiro com um sólido e consistente vínculo com Mato Grosso, especialmente através de suas memórias e aí, nesse caso, o dado concreto revelador dessa façanha é a escrita do romance *O Berro*.

Mesmo havendo grande compatibilidade entre os dados biográficos de Wanda Ramos e Tereza Albues e o teor das obras analisadas neste trabalho, não seria lícito definir categoricamente as narrativas aqui estudadas como obras pertencentes ao gênero da autobiografia. Phillipe Lejeune (2008, p. 13-7) ao versar sobre a autobiografia estima, em 1975, que para se definir um texto como autobiográfico é preciso encontrar em seu interior alguma passagem em que o escritor assuma objetivamente que a narrativa diz respeito às suas experiências pessoais, o que não é o caso das obras em questão.

Ao referir-se ao processo mnemônico, percebe-se uma forte analogia de sentido entre o ato de recordar e a imagem do rio e das águas de modo geral. A Tereza Albues, na introdução de sua narrativa já estabelece diretamente esta relação de sentidos quando afirma: “O mergulho nas águas desconhecidas do inconsciente traz a mulher, a criança, a adolescente, [...] Nado na superfície calma do lago que inventei para tomar fôlego, coragem sei que de dor e confrontação este livro será pontilhado” (BCN, p. 12). Simbolicamente, as águas estão intimamente ligadas às memórias e ao tempo. O rio e seu fluxo simbolizam a passagem do tempo, bem como o próprio fluxo da narrativa e da memória.

Sabe-se que o movimento das águas do rio é capaz de revolver o que se encontra alojado nas profundezas de seus leitos. Nesses termos, o movimento das águas em sua profundidade, constitui uma metáfora do processo de rememoração, especialmente no caso da memória involuntária, em que determinadas sensações e situações experimentadas pelo sujeito no presente despertam-no, independentemente de seu desejo, para determinadas lembranças de fatos vividos. Estes podem estar associados, inconscientemente ou não a um sabor, efeito



musical, imagem, textura ou mesmo a uma situação. São fatos muitas vezes impossíveis de serem evocados intencionalmente, isto é, pela memória voluntária, mas trazidos a tona pela memória involuntária, a maior responsável pela força literária dos textos que têm por base organizadora de sua composição a memória enquanto elemento estético organizador. O passado revolvido através das recordações, muito bem definido pela relação de significado com o fluxo das águas, é capaz de incidir sobre o presente e intervir, de forma decisiva, na constituição dos acontecimentos futuros. No caso das duas narrativas focalizadas ao longo deste trabalho a memória promove a ação para a transformação da existência, fazendo do sujeito um novo ser a cada instante. O ato de lembrar o passado, ainda que impulsionado pelo imaginário, oferece meios para que o sujeito repense as condições de vida estabelecidas no presente e busque transformá-las no futuro.

Em toda a tradição literária, bem como ao longo da tradição cultural do ocidente, a imagem do rio apresenta um valor simbólico e metafórico significativo. A presença expressiva do rio enquanto um elemento a transbordar de sentidos aparece em muitas obras da tradição artístico-literária e, de modo geral, em toda a tradição cultural. Em cada situação, o rio ganha uma significação em consonância com a abordagem temática do texto, como ocorre em *Os rios profundos*, do peruano José Maria Arguedas, no romance *Grande sertão: veredas* e no conto “A terceira margem do rio”, ambos de Guimarães Rosa, nos poemas que tratam da temática do social por João Cabral de Melo Neto, *Morte e vida Severina*, *O rio e Cão sem plumas* e, para fechar essa ilustração, o álbum de músicas da cantora Maria Bethânia, *Piratas*. Dentre as músicas que o compõem podem ser destacadas “O tempo e o rio” e “Memória das águas”.

No intento de compreender a imagem expressiva do rio nas duas obras analisadas faz-se interessante retomar aqui a abordagem de Heráclito, que usa da alegoria do rio, bastante popular ainda nos tempos atuais, para explicar a mobilidade das coisas no mundo. Para esse filósofo pré-socrático, o homem não pode entrar por duas vezes no mesmo rio, no sentido de que, ao entrar pela segunda vez, não o fará nas mesmas águas, porque estas terão passado e virão outras águas em substituição,



e que esse mesmo homem já terá também se transformado e adquirido outra maneira de ser e estar no mundo. Em comentário ao pensamento de Heráclito, Bachelard, em *As águas e os sonhos* (1997), acrescenta que, em sua profundidade, o ser humano não banha no mesmo rio por duas vezes porque “tem o destino da água que corre” (BACHELARD, 1997, p. 6). De acordo com as ponderações do referido pensador, a água e todas as imagens fornecidas por ela ao sujeito observador trazem a ideia de algo em contínuo movimento. Todo ser a ela dedicado ou misturado passa a metamorfosear-se num trânsito ininterrupto, pois “a água corre sempre, a água cai sempre, acaba sempre em sua morte horizontal” (ibidem, p.7). Assim, o rio em sua significação constituída na cultura ocidental condiz com a natureza das protagonistas que estão sempre se transformando num desvio constante do destino ao qual estavam predestinadas.

Tanto na narrativa mato-grossense quanto na narrativa portuguesa em estudo, observa-se que a imagem dos rios é um componente relevante na definição do espaço e do tempo onde se desenvolvem as principais ações das protagonistas desde criança à fase de adulta. Diante dessa verificação, com base na abordagem teórica bakhtiniana, em que a relação entre o espaço e o tempo é indissolúvel, o rio pode ser então definido como um cronotopo.

O rio Luachimo e o rio Luaena, no texto de Wanda Ramos, representam então o cronotopo das experiências fundamentais na formação da protagonista. O principal termo, *Percursos*, que compõe o título da obra, em sua significação vasta e profunda, refere-se à caminhada da protagonista, constituída por trajetos distintos que vão de um rio ao outro. O termo *Percursos* pode, então, representar o desenrolar da formação identitária, o de desenvolvimento da personagem da infância à maturidade; o percurso da sociedade dividida entre colonizado e colonizador no período das últimas décadas de agonia do Império Português e, necessariamente, o do próprio fluxo da narrativa com seus percalços, constituídos pelos capítulos-fragmentos a compor a narrativa da obra, antecipações e posposições de “reminiscências”, ora quebrando, ora obedecendo à lógica da narrativa tradicional.

Partindo da abordagem de Bakhtin, o rio pode assemelhar-



se ao cronotopo da estrada, lugar de encontro e mobilidade. Como ocorre na memória da personagem principal de *O berro*, constituída por uma soma de outras memórias, memórias de outrem, em Nova York, demarcada pela presença significativa do rio Hudson. Lá, as pessoas oriundas das mais diversas regiões do planeta se encontram e trazem consigo as experiências vividas em outros mundos. São histórias pessoais instituídas em contextos socioculturais deixados para trás no tempo e no espaço, que ali, apesar de todo isolamento e desconexão vivenciados pelos imigrantes nas parcas relações interpessoais, contestam-se, decompõem-se, mesclam-se umas às outras e se fazem presentes.

Em se tratando do encontro entre pessoas, o rio também pode constituir a metáfora do ponto de intersecção das mesmas, como ocorre em *O berro* na imagem criada pela narradora do encontro do riacho do Cordeiro com o rio Hudson, em que denotativamente as águas mato-grossenses são misturadas com as águas de Nova York: “Pelo rio Hudson as folhas secas, aguapés, cipós brancos, que desembocam do meu riacho do Cordeiro, espremido entre pedras, arvoredos, touceiras de bananeira brava” (p.180). Nessa passagem, depara-se, em sentido figurado e até mesmo simbólico, com a imagem do encontro das águas do grande rio com as águas de seus afluentes. O aspecto relevante dessa circunstância do encontro dos rios é que, na imagem criada no texto, é o córrego do Cordeiro situado em Mato Grosso que deságua do outro lado do Oceano Atlântico, evento totalmente inverossímil do ponto de vista físico e geográfico. Mas o que essa passagem faz é explicar ao leitor, numa linguagem alegórica, como se dá a relação dialógica entre culturas e pessoas tão diferentes, vindas de países distantes, mas dividindo um único espaço, a cidade de Nova York.

Em consonância com a situação vigente do mundo atual, em que as distâncias encolheram, graças do desenvolvimento tecnológico, o ato de rememorar constitui uma das maneiras mais poéticas de avizinhar mundos geograficamente distantes, como fazem as protagonistas, a mato-grossense e a portuguesa, que tiveram um passado assinalado por várias viagens e pelo deslocamento de um país a outro. Nessas circunstâncias, viajar para dentro de si em busca do passado, por meio das lembranças, constitui um paradoxo com o sistema de vida das



peças e de se relacionarem no mundo de hoje, pois o ambiente em que se vive atualmente se caracteriza pela solidão, pela transformação rápida do ambiente e espaço, um dos mais relevantes reforços da memória, e pelo uso de produtos descartáveis em substituição aos utensílios, cuja durabilidade no mundo de outrora os transformava em um dos mais importantes apoios da memória, os quais eram transferidos muitas vezes de uma geração a outra. Assim sendo, a memória, acompanhada de uma de suas parcerias milenares, que é a “arte de narrar”, não encontra hoje nenhum estímulo ou espaço acolhedor oferecido pela forma de vida do homem atual.

Se entendermos denotativamente o rio Hudson – identificado com Nova York, cidade que se compõe pela diversidade humana e cultural – como o rio que recolhe em seu leito águas de outros rios, a exemplo o riacho do Cordeiro, ambos se configuram como o cronotopo do homem contemporâneo, ou mesmo da constituição cultural e étnica do mundo híbrido atual, balizado pela multiplicidade e diferença. O grande rio, por ser o espaço de encontro de várias águas, equivale, assim, ao encontro de diversas pessoas, pois, em Nova York, inúmeros imigrantes vindos de várias partes do mundo se encontram.

Mas a função cronotópica dos rios no texto mato-grossense se alarga ainda mais por abarcar outros rios da região e, em caráter de relevância, as águas do Pantanal, cujas lembranças despertam os ressentimentos da protagonista, ligados a acontecimentos trágicos que lhe afetaram de modo significativo sua constituição identitária. Eu sentia a aproximação da enchente, nada podia fazer para segurar a força das águas [...]” (*BCN*, p. 90). A força das águas nada mais é que a força da memória involuntária a importunar a protagonista com lembranças dos eventos que a fizeram sofrer na infância.

O mundo de misturas diversas atinge a dimensão cósmica quando o rio maior, volumoso pelo acolhimento de outras águas, mistura-se com o mar. O encontro do rio com o mar é um evento importante que, apesar de não aparecer descrito objetivamente nas narrativas de *O Berro* e em *Percurso*, está subentendido no enredo das mesmas. Observa-se, ainda, que o encontro das águas doces com as águas salgadas constitui uma imagem fortemente explorada em outra



obra de Wanda Ramos, em que as principais ações da narrativa têm como cenário predominante um estuário, já anunciado no próprio título da obra, *Crônica com estuário ao fundo*. Assim, o estuário constitui um espaço em que predomina a ideia de variedade, de misturas, mar-terra-rio; é um espaço essencialmente marcado pela pluralidade por tratar de um ponto de chegada e de um ponto de saída de pessoas não de Portugal, mas da França.

A afirmação da personagem Benjamim Barbudo – contemplada não só no enredo do romance *O berro*, mas também na sua de epígrafe – de que há “muitos rios correndo dentro de nós, cada qual com sua natureza, podemos submergir ou flutuar, depende de como lidamos com suas águas” (*BCN*, p. 103) é bastante significativa, no sentido de explicar a complexidade da natureza do ser humano e de suas identidades assentadas nesse parâmetro de multiplicidade e de um constante mover-se de que trata Hall (2006). Apoiada na ideia anunciada pelo sábio andarilho (Benjamim Barbudo), uma espécie de bruxo a iluminar-lhe a existência, a narradora-personagem usa a metáfora do rio para expressar a sua maneira de estar no mundo e de escolher os seus trajetos a cumprir:

Ainda me debateria muitos anos na correnteza faminta daquele rio bravio que me fazia enveredar pelos labirintos da revanche, iludindo-me com promessas de alívio e apaziguamento, qual o quê! Até que um dia mudei de percurso, meu aprendizado com Benjamim Barbudo tenho que propalar. Busquei dentro de mim outro rio que deságua sereno entre aguapés, flores do campo, samambaias, avencas e buritis, remanso. Saltei de banda. Libertei-me (*BCN*, p. 162).

A narradora quer ressaltar nessa passagem, por meio da ampla e profunda significação da imagem do rio, as múltiplas possibilidades do ser, na maioria das vezes, explorado conforme o desejo do sujeito de decidir qual caminho deve ser seguido no circuito da vida. Os vários rios na passagem citada nos remetem aos vários caminhos a serem trilhados, dentre os quais uma pessoa pode efetuar suas escolhas. Trata-se, assim, da questão da identidade do sujeito, em que a presença do elemento rio, no plural, convida o leitor a atentar para os vários “eus”



que existem dentro do ser, os quais são colocados em ação de acordo com as situações vivenciadas pelo sujeito e de acordo com suas opções, instituídas a partir do conhecimento e do pensamento elaborados conforme inúmeras experiências obtidas durante as várias fases da vida. Assim, na perspectiva da narradora albiesiana, a maneira impetuosa como cada “eu” vai sendo urdido em toda sua complexidade e assumido pela personagem assemelha-se ao rio no seu constante “vir a ser” e à sua correnteza a jorrar. Nessa construção semântica, o rio, definido pela sua grandeza e mobilidade, torna-se uma hipérbole a representar a abrangência da constituição identitária do ser humano.

Apesar de toda força com que jorra as várias possibilidades latentes de identidades do ser dentro da personagem, cabe a esta definir pelo que mais lhe convém. Hall (2006) discorre que a existência do indivíduo está entranhada na conjuntura sociocultural, de modo que a escolha do indivíduo com relação ao seu estar e ser no mundo não é livre, pois precisa estar em consonância com as condições e identidades coletivas de que faz parte. Da mesma forma que a língua materna não pode ser apropriada como um bem privado, a identidade precisa estar perfilhada à identidade coletiva e só se estabiliza como parte de uma rede cultural. Assim, a escolha da pessoa será garantida se estiver ajustadas as experiências compartilhadas nas relações intersubjetivas (HABERMANS, 1994, apud HALL, 2003, p. 77).

A esta luz pode-se entender o perfil da personagem de Albie, que, em várias passagens do texto, revela-se como um ser capaz de driblar as formas convencionais de agir como mulher e dá uma nova direção a seu destino. Desvia-se do caminho ao qual está predestinada, caminho este constituído pelos preceitos do sistema político e social vigente, que não dá naquele tempo às figuras femininas, do meio em que vivia a protagonista, o direito de decidir sobre sua forma de viver e existir. A referida personagem sempre prima pelo diferente desde menina, quando criticada pela família materna, que renegava, dentre seus atributos, sua cor escura, sua aparência física e suas brincadeiras no meio masculino. Diante dessa realidade espinhosa, a personagem albiesiana vê na escrita e na leitura uma forma de refúgio na infância, que resulta em uma forma de superação na fase adulta. A escolha que fez



quanto ao seu percurso identitário só vai fluir num espaço e ambiente caracterizados pela diversidade, pela constante presença do novo, pelo encontro com o diferente, que é Rio de Janeiro, São Francisco e Nova York. A sua mobilidade identitária e opção por uma nova maneira de ser da personagem só deslançam numa sociedade e cultura definidas pela multiplicidade e pelo que há de mais distinto nos lugares por onde viaja e mora, nos Estados Unidos e mesmo no Rio de Janeiro.

A personagem de *Percursos*, como muitas mulheres do contexto sociocultural e político no qual o referido romance está inserido, também desviou daquilo que lhe foi idicado pela ditadura de Salazar e pelo colonialismo português. No momento da narração, a protagonista assume na narrativa uma posição crítica diante da realidade social experimentada, a qual era marcada pela violência contra o outro, e toma uma posição discursiva avessa aos objetivos pelos quais a personagem se encontra em Angola no período da Guerra. E o trânsito de um rio ao outro, figuradamente expresso no título da obra (*Do Luachimo ao Luena*), representa mudança, transformação da personagem a caminhar numa direção oposta ao que o colonialismo esperava da sociedade. Sem entrar em choque com os moldes culturais e coletivos vigentes definidos pela imobilidade, a protagonista de *Percursos* passa a compor um grupo de mulheres delineado por novas relações interpessoais a se constituírem na contramão do sistema social. Diferente do que ocorre na obra de Tereza Albues, em Wanda Ramos, o rio da infância e o rio da vida adulta possuem praticamente o mesmo porte e dimensão geográfica. Mas se o rio Luachimo apresenta-se, de certa forma, distante da personagem, pois a menina não consegue estabelecer relação de afetividade e proximidade com o mesmo, considerando que quando criança, sua liberdade limitava-se apenas ao espaço doméstico, o rio Luena mantém outro perfil em relação à protagonista que, quando adulta, banha em suas águas, aliviando sua aflição e tormento. No ambiente caracterizado pelo forte calor e poeira a denotarem todos os problemas, angústias e conflitos vivenciado pelas pessoas em Angola, o frescor das águas do rio Luena traz à personagem conforto e bem-estar, o que ameniza seu sofrimento, simbolizado pelo “arame farpado”, que representa aquela situação dramática e hostil vivida pela personagem no



momento da guerra. Desde a adolescência, a heroína de Wanda Ramos estabelece uma relação de cumplicidade com o rio Luena, o qual compôs, como elemento preponderante, o cenário e o ambiente acolhedores de seus encontros amorosos, como se observa nesta passagem: “Furtava-se quando podia à vigilância dos pais [...] ao abrigo do rio e da vegetação cúmplice, primeiro beijos de fogo e ternuras promissoras de muito que haviam...” (p. 52).

A relação entre a personagem e o rio Luena vai assinalar, significativamente, outra questão relevante no que diz respeito à sua constituição identitária, bem como sua relação de pertença no âmbito social, tendo em vista que o mundo do colonialismo é um mundo dividido: de um lado, está o colonizado, de outro, o colonizador. No momento em que a protagonista já é adulta e retorna a Angola, o banho no rio Luena vai estabelecer, entre a protagonista e as nativas, um laço de proximidade quando estas ao verem-na, “mulher branca lavando-se como elas no rio” (p.61) como elas próprias, ficam admiradas. Nesse momento, lavar-se nas águas torna-se símbolo da renovação e do renascer da personagem para uma nova fase da existência, enquanto um rompimento com o instituído pelo Império Português de sempre se colocar do lado oposto das nativas. A situação limite e árdua da guerra força esse encontro da mulher branca com a mulher negra, ambas banhando nas mesmas águas. Mesmo conduzida pelas circunstâncias favorecidas pelo colonialismo em ruínas, ao tomar banho no rio, ela age em direção ao diverso, colocando-se simbolicamente na mesma posição das negras, quebrando, de certa forma, a fronteira entre o colono e o colonizado. O banho, como um dos principais ritos universais que sanciona uma nova fase da existência como o nascimento, a adolescência e a morte, pode ser considerado, então, como um rito de passagem a ser estimado nessa obra, considerando que o banho significa o momento de transformação pelo qual passa a protagonista e o espaço social e político de que faz parte.

Ao voltar para si e relembrar o que viveu, a experiência própria narrada constitui para o sujeito desenraizado ou deslocado como uma forma de demarcar uma história, um lugar no mundo, reconstituir raízes, mesmo estando geograficamente distante de terra onde nasceu



e cresceu. Nesse sentido, a recriação da trajetória de vida, por meio da memória, por meio da arte de narrar, ambas entranhadas pela imagem da água e em especial do rio, possibilita a confirmação da identidade das protagonistas, cuja vida é assinalada pela itinerância e pelo descontínuo. Assim como o leito de um rio cujo conteúdo é um contínuo vir-a-ser. É no “entre-lugar”, configurado pela relação estabelecida entre a memória e o esquecimento, que se situa o fio condutor das narrativas. Assim, o que vem à tona no processo de rememoração são fragmentos, “pegadas”, muitas vezes quase desfeitas, de um passado reminescente do qual se retém apenas estilhaços na memória. O que resta da realidade lembrada são apenas impressões, leituras feitas pelas personagens de um tempo remoto de sua infância e juventude. No ato de contar a história de vida, restam ainda os sulcos, as fissuras e os entremeios vagos – deixados pela percepção descontínua do sujeito em relação ao vivido, pelas ausências da memória e pela incompatibilidade entre o mundo da linguagem discursiva e o mundo da existência – a serem preenchidos pelo ficcional, que dá “vida” e consistência à criação textual.

A narrativa tecida a partir das lembranças pessoais se apoia também em eventos e imagens guardadas pela memória oficial, pelas tradições culturais de um povo ou de uma família e, especialmente, no imaginário, que como vimos viabiliza a tessitura da obra, dando contexto e completude ao mundo lembrado. É um “eu” que, por meio da rememoração e da construção da narrativa, reformula suas raízes, incluindo, muitas vezes, um percurso de errâncias por espaços vários, que está sempre com vistas para o novo e para o diferente que lhe chega quase sempre por meio do outro.

Observa-se, dessa maneira, que a personagem de Tereza Albues se dispõe a viver nos Estados Unidos sem cortar seus vínculos com a cultura brasileira (mato-grossense) e a personagem de Wanda Ramos ora está em Angola, ora em Portugal, tendo suas raízes firmadas na cultura e na história dessas duas nacionalidades que a constituem. Esta pesquisa revela que foi o diverso, o encontro com o outro, com o diferente em suas experiências de vida que desestabilizou a formação tradicional concedida pela família (de origem portuguesa) à personagem de *Percursos*. Nessa abordagem, é importante lembrar que



a personagem portuguesa também conta com sua formação acadêmica em Portugal, que, certamente, apesar de comportar o ranço de um governo reacionário e ditador, vai contribuir positivamente para sua interpretação do novo e do diferente que se deparara pela existência afóra na construção identitária dessa “nova mulher”<sup>6</sup> que se constrói no final da narrativa, como escritora que se dedica, conduzida por suas memórias, à construção de uma análise crítica do contexto social, político e literário impostos pelos colonizadores a seus colonizados.

## REFERÊNCIAS

- ALBUES, Tereza. **Pedra canga**. Rio de Janeiro: Phiobiblioon, 1987.
- \_\_\_\_\_. **Chapada da Palma Roxa**. Rio de Janeiro: Atheneu/Cultura, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Travessia dos sempre vivos**. Cuiabá, EdUFMT, 1993.
- \_\_\_\_\_. **O Berro do cordeiro em Nova York**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Dança do Jaguar**. Paris: Zero Hora, 2000.
- \_\_\_\_\_. À Sombra do Terrorismo. Disponível em: <[http://revues-plurielles.org/uploads/pdf/17\\_13\\_15.pdf](http://revues-plurielles.org/uploads/pdf/17_13_15.pdf)>. Acesso em: 14 abr. 2009. 21 horas.
- BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. Tradução Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- \_\_\_\_\_. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. Tradução Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- \_\_\_\_\_. **A poética do devaneio**. Tradução Antônio de Pádua Danesi. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.
- \_\_\_\_\_. **Questões de Literatura e de Estética: A Teoria do Romance**. 5. ed. São Paulo: Annablume, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Estética da Criação Verbal**. Introdução e tradução do russo de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre**



literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

RAMOS, Wanda. **Nas Coxas do Tempo**. Lisboa: Edição da autora, 1970.

\_\_\_\_\_. **E Contudo Cantar Sempre**. Porto: O Oiro do Dia, 1979.

\_\_\_\_\_. Que rio vem forçar a entrada desta casa? In: CHIOTE, Eduarda (Org). **A Jovem poesia Portuguesa**. Porto: Limiar, 1979.

\_\_\_\_\_. **Intimidade da Fala**. Lisboa: Subterrâneo três, 1983.

\_\_\_\_\_. **As Incontáveis Vésperas**. Lisboa: Ulmeiro, 1983.

\_\_\_\_\_. **Percursos (Do Luachimo ao Luena)**. Lisboa: Presença, 1985.

\_\_\_\_\_. Os Dias, Depois. Lisboa: Caminho, 1989.

\_\_\_\_\_. **Litoral (Ara Solis)**. Lisboa: Caminho, 1991.

\_\_\_\_\_. **Crônica com Estuário ao Fundo**. Lisboa: Caminho, 1998.

CHEVALIER, Jean & GREERBRANT, Alan. **Dicionário de símbolos**. 8 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

HOBSBAWM, Eric. **Globalização, Democracia e Terrorismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

LEJEUNE, Philippe. Entrevista com Phelippe Lejeune. Concedida à Professora Jovita Maria Gerheim Noronha. Disponível em: <<http://www.revistaipotesi.ufjf.br/volumes/11/apres.pdf>> Acesso em: 22 fev. 2009. 20 horas.

\_\_\_\_\_. **O Pacto Autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2008. p. 13-103.

\_\_\_\_\_. Definir autobiografia. In: MOURÃO, Paula (Org.). **Autobiografia Auto-Representação**. Lisboa: Edições Colibri, 2003. p. 37-54.

MINÉ, Elza. Dois Portugais, Duas Angolas (Acerca de Percursos de Wanda Ramos), In: Maria Helena Nery GARCEZ; Rodrigo Leal RODRIGUES (Orgs.). **O Mestre**. São Paulo: Green Forest do Brasil Editora, p. 130-135, 1997.

MOURÃO, P. Memória de Água. Disponível em: <[www.instituto-camoes.pt/arquivos/literatura/wandamemorias.htm](http://www.instituto-camoes.pt/arquivos/literatura/wandamemorias.htm)>. Acesso em: 12 fev. 2005. 10 horas.

ROCHA, Clara. **Máscaras de Narciso: Estudos sobre a literatura autobiográfica em Portugal**. Coimbra: Almedina, 1992.



## (Endnotes)

- 1 Doravante referida como *Percursos*.
- 2 Referida, a partir daqui, como *O Berro*.
- 3 A referencia das citações das obras analisadas será feita através das iniciais da obra seguidas da página utilizada: *Percursos (Do Luachimo ao Luena)*: (P, p. ....) e *O Berro do Cordeiro em Nova York*: (BCN, p. ...).
- 4 Obras da escritora portuguesa Wanda Ramos: *É Contudo cantar sempre* (1979 – poesia), *Percursos – Do Luachimo ao Luena* (1981 – romance), *As Incontáveis Vésperas* (1983 – romance), *Intimidade da fala* (1983 – prosa poética), *Poemas-com-sentidos* (1986 – poesia), *Um homem cabeça de pedra* (1988), *Crônica de Estuário ao Fundo*, (1998 – crônicas), *Os Dias Depois* (1990 – contos), *Litoral (Ara Solis – 1991 – romance)*. A autora conta também com textos publicados nas antologias *Experiência da liberdade* (1975), *Jovem poesia portuguesa* (volume I) e *Companheiro vasco* (1977).
- 5 Obras da escritora portuguesa Tereza Albués: *Curral das Águas* (1982 – roteiro de curta metragem), *Pedra canga* (1987 - romance), *Chapada da palma roxa* (1991 - romance), *A travessia dos sempre-vivos* (1993 - Romance), *O berro do Cordeiro em Nova York* (1995 - Romance), *A dança do jaguar* (2000 - Romance) e *O buquê de línguas* (2008 - contos).
- 6 A qualificação da personagem como “nova mulher” se deve ao fato de que a protagonista portuguesa faz parte, como já vimos neste trabalho, de um grupo de pessoas que mesmo passando por uma formação voltada para os requisitos do colonialismo, da tradição familiar portuguesa, consegue fugir ao habitual vivido por suas iguais.